

Uso de Maquete para o Desenvolvimento da Consciência Ambiental em Estudantes do Ensino Fundamental em São Gabriel-RS.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Práticas Alternativas de Ensino, Escola Pública.

Como consequência da exploração e uso intensivo dos recursos naturais, mudanças climáticas começaram a ocorrer no nosso planeta. Uma maneira de mudar essa situação é através da Educação Ambiental, principalmente, buscando-se começar a construção da consciência ambiental na infância. Segundo Muggler et al. (2006), em geral, as pessoas não percebem que o meio ambiente é resultado do funcionamento integrado de seus vários componentes. As discussões sobre a problemática ambiental raramente conseguem alcançar o plano do ensino escolar, em nível fundamental e médio, fazendo persistir a distância entre universidade e escola de formação básica (PELEGRINI & VLACH, 2011). Muitas vezes, por falta de infraestrutura ou certas limitações, o ensino em sala de aula acaba não sendo atrativo aos alunos. Por isso, deve-se buscar práticas alternativas para o ensino, sendo uma delas o uso de maquetes. A maquete permite a visualização de alguma situação de interesse, mostrando seus benefícios ou riscos, e também estimula o pensamento das crianças já que elas devem imaginar tal situação como real. O objetivo deste trabalho foi despertar a consciência ambiental nos alunos de duas escolas municipais em São Gabriel-RS através do uso de uma maquete representando uma microbacia na qual mostravam-se práticas sustentáveis e práticas não sustentáveis (que levam à degradação ambiental). A maquete foi elaborada pelos bolsistas do projeto de extensão “Educação Ambiental para Alunos de Sexto e Sétimo Ano de uma Escola Municipal de São Gabriel-RS” vinculado à Universidade Federal do Pampa. O projeto tem duração de um ano e essa foi uma das atividades desenvolvidas. A atividade foi realizada em duas escolas públicas de Ensino Fundamental do município de São Gabriel/RS. Em uma escola a maquete foi apresentada para as turmas do 6º e 7º ano, e em outra para as turmas de 6º ao 8º ano. Cada turma tinha entre 15 e 20 alunos. A maquete foi desenvolvida no formato de uma microbacia, que foi separada em dois lados: um sustentável e outro degradado. O lado da microbacia sustentável representava um local (cidade e zona rural) – com práticas que não prejudicam o ambiente e acabam proporcionando aos seus moradores uma boa qualidade de vida. O lado da microbacia degradado representava um local com práticas que prejudicam o ambiente e geram o efeito inverso do que foi exposto anteriormente. No lado que representava o local sustentável foram abordados os seguintes assuntos com os alunos: importância e conservação de nascentes e mata ciliar, diversificação de culturas, integração agrosilvipastoril, saneamento básico e tratamento da água, descarte correto de resíduos, uso de energias renováveis e todos os benefícios gerados para o ambiente e para a população desse local. Através da exposição de todos esses benefícios, foi possível começar a conscientização dos alunos. No lado degradado foram apontadas as diferenças com relação ao outro lado, demonstrando todos os pontos negativos que algumas práticas têm sobre o ambiente, como: exploração das matas nativas, monocultura, queimadas, falta do saneamento ambiental, lixões e práticas que levam à degradação do solo e poluição da água; além das consequências para a população. Ao fim do diálogo surgiram novos questionamentos dos alunos e eles comentaram assuntos de seus cotidianos. Através da maquete, conseguiu-se desenvolver vários assuntos que despertaram o interesse e conscientização dos alunos sobre práticas que são benéficas

para o ambiente e para população. Percebeu-se que os objetivos propostos foram alcançados, já que os alunos demonstraram estar refletindo sobre os assuntos discutidos. A utilização da maquete como prática alternativa de ensino se mostrou uma maneira participativa e eficiente de despertar a atenção dos alunos. Além disso, é uma boa prática quanto a fixação dos assuntos tratados, já que permite a “visualização” do que é estudado e estimula a imaginação dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUGGLER, Cristine Carole; PINTO SOBRINHO, Fábio de Araújo; MACHADO, Vinícius Azevedo. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, v.30, n. 4, p. 733-740, Ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-06832006000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11/07/2016.

PELEGRINI, Djalma Ferreira; VLACH, Vânia Rúbia Farias. As múltiplas dimensões da educação ambiental: por uma ampliação da abordagem. **Sociedade & Natureza (Online)**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 187-196, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11/07/2016.